

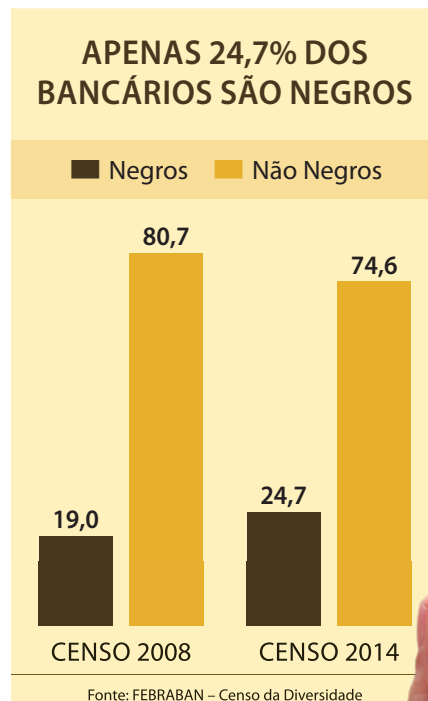
BASTA DE RACISMO NO TRABALHO E NA VIDA

II CENSO DA DIVERSIDADE CONFIRMA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NOS BANCOS

O II Censo da Diversidade, realizado entre 17 de março e 9 de maio de 2014, foi uma importante conquista da Campanha Nacional dos Bancários 2012. Tanto o primeiro censo, ocorrido em 2008, como o segundo, são frutos da ousadia e da mobilização da categoria, após negociações com os bancos, trazendo valiosas informações e confirmando a continuidade das discriminações, especialmente de gênero, raça e orientação sexual.

Com a participação de 187.411 bancários, de 18 instituições financeiras, o que representa 40,8% da categoria, os dados do II Censo foram divulgados no último dia 3 de novembro pela Febraban para a Contraf-CUT, durante reunião da Mesa Temática de Igualdades de Oportunidades. Os números ainda estão sendo analisados, mas comprovam que negros e negras continuam sendo vítimas do racismo nos bancos e da carência de políticas afirmativas para garantir igualdade na contratação, na remuneração e na ascensão profissional.

Os números do II Censo revelam um pequeno crescimento da população negra nos bancos. Considerando pretos e pardos, passou



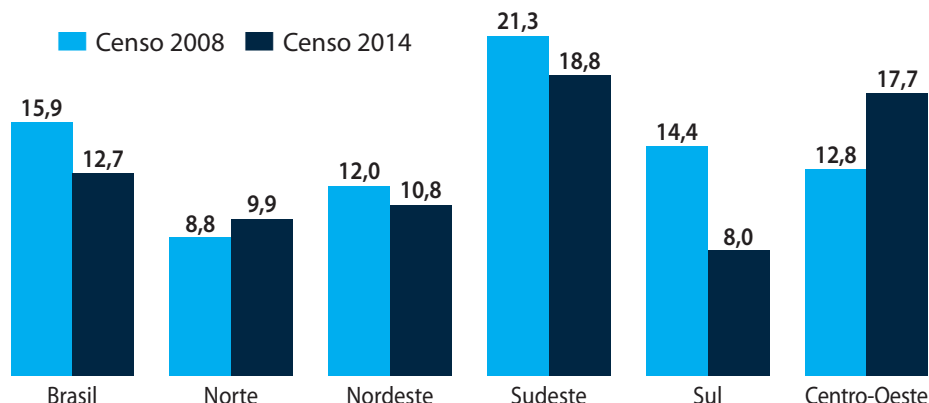
de 19% para 24,7% entre 2008 e 2014. No entanto, essa presença é ainda inferior à participação dos negros na população brasileira, que é de 51%, segundo dados do Censo de 2010 do IBGE.

Esse perfil eminentemente branco da categoria bancária (74,6%) não pode ser considerado “normal” em um setor que almeja ser moderno e inovador. Ademais, o Brasil assumiu o compromisso de eliminar todas as formas de discriminação racial ao ratificar a Convenção da ONU sobre eliminação de todas as formas de discriminação de 1966, e ao aprovar o Estatuto da Igualdade Racial, em 2010.



NEGROS GANHAM ATÉ 18% MENOS QUE BRANCOS

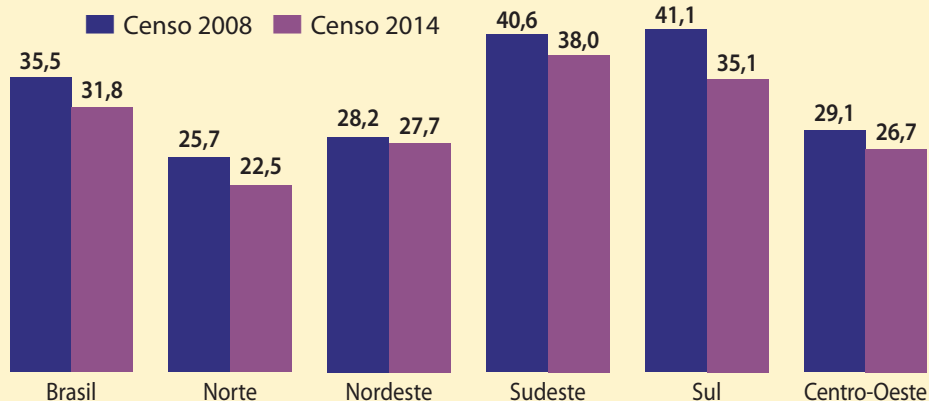
A diferença de renda média mensal entre negros e brancos continua acentuada nos bancos. Conforme dados do II Censo, essa diferença foi reduzida de 15,9% para 12,7% entre 2008 e 2014. Entretanto, quando observamos as regiões do país, verificamos uma distorção ainda maior nos rendimentos. Essa diferença chega a atingir 18,8% na região Sudeste.



MULHERES NEGRAS GANHAM ATÉ 38% MENOS QUE HOMENS BRANCOS

Quando se compara a remuneração das mulheres negras com a dos homens brancos, as diferenças são ainda maiores. Em média, as mulheres negras recebem 31,8% a menos que os homens brancos e na região sudeste a diferença é ainda maior, de 38%.

Os dados da pesquisa sobre as mulheres negras são bastante insuficientes, o que impossibilita um olhar mais preciso sobre a situação desse segmento na categoria. Esses indicadores são informações relevantes para compreender as desigualdades e as desvantagens em termos de inserção, permanência e trajetória laboral no setor.



O II Censo não faz o cruzamento de dados de raça/cor, sexo, ascensão profissional e escolaridade, um dos fatores determinantes da discriminação no país. Apesar do alto investimento das mulheres em formação, isso não se reflete na elevação da renda. Ao contrário, as disparidades de remuneração em relação aos homens persistem. E a sua participação nos cargos de comando e decisão ainda é muito restrita.

QUEREMOS AÇÕES AFIRMATIVAS PELA IGUALDADE RACIAL

O Brasil avançou nos governos Lula e Dilma na redução da pobreza, na distribuição de renda e na elevação da escolaridade dos trabalhadores. Isso ocorreu com a formalização do emprego, a valorização do salário mínimo e os programas de acesso ao ensino superior e técnico. No entanto, apesar das melhorias, é inquestionável a presença das desigualdades raciais.

A Febraban insiste em atribuir as

desigualdades existentes no setor financeiro apenas aos fatores sociais, isentando os bancos de suas responsabilidades. Não é à toa que ao divulgar o resultado do II Censo a Febraban não apresentou um Plano de Ação com medidas concretas para corrigir as distorções existentes.

Para garantir igualdade racial, é preciso que os bancos implementem ações afirmativas de inserção para a população

negra, começando com a destinação de cotas de contratação em todos os bancos. É também inaceitável que não haja planos de cargos e salários, com regras objetivas e transparentes em todos os bancos, especialmente nos privados. Os negros e as negras têm o direito de ocupar todas as funções, a fim de sair da invisibilidade em que se encontram na maioria das agências. É tempo de promover igualdade no trabalho e na vida.